

A (in)sinceridade em Dora

Luiz Carlos Mabilde, Porto Alegre.*

Transcorridos mais de cem anos de sua publicação, o caso Dora faz jus a sua notoriedade devido a peculiaridades e idiosincrasias. O autor elege discutir o que lhe parece basilar para sua singular perenidade: a misteriosa e intrincada mescla de fatores adversos ao tratamento, os quais determinaram sua precoce interrupção. São destacados alguns pontos do conhecido caso, inclusive dos sonhos, como forma de o autor especular sobre razões implícitas nas questões do sigilo, ponderar sobre problemas técnicos de Freud e conjecturar a respeito da origem sexual da hostilidade e sintomas em Dora. Autores como Fonagy e Laplanche são utilizados como apoios às teses do artigo, o qual finaliza questionando a posição de Lacan sobre o erro admitido por Freud que o levou à descoberta da transferência.

Palavras-chave: Freud, tratamento psicanalítico, caso Dora, histeria, conflito psíquico, sexualidade, trauma, identificação, transferência, sigilo.

* Psicanalista. Membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

Introdução

Embora fragmento de uma análise, parece que o caso Dora estava fadado a se tornar célebre, pois Freud (1905 [1901]) hesitou, demorou, modificou, retardou muito sua publicação. E, de fato, o artigo virou um marco da técnica psicanalítica e trouxe fama à jovem paciente, tratada por apenas três meses.

Dora tinha somente dezoito anos, mas, ao procurar seu futuro analista, já sofria como gente grande. Não fosse a dura realidade dos sintomas, eu duvidaria que a orgulhosa paciente tivesse aceitado se tratar. Não por acaso, ela abandonou o tratamento tão logo pôde. Sem dúvida, o caso virou referência em virtude da descoberta da transferência. Esta foi uma descoberta incidental? Ou, considerando a interrupção do tratamento, a teoria da transferência constituiu a forma pela qual Freud justificou seu fracasso terapêutico?

Não é difícil imaginar Freud, recém transposto o século XIX, enfrentando dificuldades resistenciais sem maiores recursos técnicos. Ademais, Dora, se instigante, era também irritante – desagradável segundo Jones (1953) – uma vez que sua (in)sinceridade, traduzida em distância e frieza, impunha fantástico obstáculo à abordagem freudiana. A intenção dele era reconstruir a história de sua doença. A dela era impedi-lo.

Sabemos, hoje, graças aos percalços de Freud, que a repressão, uma vez transformada em resistência transferencial, tornava Dora indiferente aos esforços de Freud em fazê-la colaborar com o tratamento.

Além disso – em termos de transferência – pergunto-me: *Como Freud poderia lidar com algo que ele ainda não havia descoberto?* As intrincadas questões do sigilo – um verdadeiro mistério, segundo Jones (1953) – suas causas e repercussões constituem outros aspectos interessantes do caso, não apenas porque representam contribuições à técnica, mas também por ensejar especulações sobre a verdadeira participação do casal K no universo sexual de Dora. São, pois, meus objetivos:

- 1) rever, brevemente, o caso em si, destacando alguns pontos para posterior discussão sobre a técnica utilizada e seus desdobramentos;
- 2) discutir as questões de sigilo no caso Dora;
- 3) ampliar e contrapor entendimentos sobre as posições de Freud e Lacan em relação ao erro técnico ocorrido no caso Dora.

O caso clínico

O caso é bem conhecido, razão pela qual, por um lado, cabe apenas destacar alguns pontos cruciais da história pessoal, familiar e psicopatológica da paciente; por outro lado, chamar a atenção para determinados fragmentos da trama ou drama que tenham a ver com os objetivos deste artigo.

Não parece haver dúvidas sobre o motivo pelo qual o artigo levou quatro anos para ser publicado: sigilo! Tanto da parte do editor quanto do próprio Freud há claras declarações do problema, assim como existe, inclusive, a informação explícita do motivo da recusa da primeira revista para qual o artigo foi enviado: *quebra de discrição*. É claro que as indiscretas revelações sexuais, contidas no caso clínico, devem ter jogado papel importante, afinal o próprio Freud previa acusações contra ele por fornecer informações de pacientes que não deveriam ser reveladas.

Mas teria havido só isso? Haveria problemas em revelar intimidades de pacientes se estes não pudessem ser identificados? De mais a mais, é simplesmente inexplicável por que Freud ofereceu o artigo a outro periódico depois que já tinha sido aceito. Se não bastasse, guardou-o por quatro anos! Além disso, Freud tinha extrema habilidade em alterar o material de modo a impedir a identificação do paciente.

Minha suposição é que não só os personagens poderiam ser identificados, assim como a história real conteria algo ainda mais contundente: além de Herr K, o próprio pai também esteve interessado sexualmente em Dora. E, nesse caso, Freud levou muito tempo para achar a maneira certa de disfarçá-lo. Essa seria a explicação de tantas dificuldades na publicação do caso. Além do mais, existem determinadas contradições expressas na sua narrativa, assim como intrínsecos e sutis elementos sugestivos do que seria o envolvimento de seu pai. Voltarei a esse ponto adiante.

De qualquer modo, essa especulação não altera outra conjectura que faço sobre o caso: seja por Herr K ou por ambos os homens, parece-me um caso de abuso sexual cujo início teria ocorrido antes dos sete anos de idade da paciente. Quer dizer, corresponderia à teoria da sedução restrita (superestrutura) de Freud, cujo adulto é o agressor, ocorrendo na infância ante a passividade (despreparo) da criança e abrangendo um encadeamento de cenas.

Laplanche (1987) procurou ampliá-la com novas teorizações em uma espécie de modelo tripartido: 1) aspecto *temporal* (*sedução infantil*), cujo agente é o pai da paciente histérica e está presente na noção de *a posteriori*, o trauma em dois tempos; 2) aspecto *tópico* (*sedução precoce*): nesse caso, a mãe é o agente da

sedução e ocorre mais cedo; 3) aspecto *tradutivo* (*sedução originária*): refere-se às ideias de significantes enigmáticos (tradutivos) e de seduções opacas, adquirindo propriedades sedutoras somente porque se ligam ou se veiculam ao enigmático. Este tipo de sedução seria inerente – e estruturante – a todos os bebês, em função de eles não portarem condições para decifrar as mensagens sexuais enigmáticas (na higiene, por exemplo) da mãe.

Dora era muito bonita, sagaz, inteligente e de sensualidade provocante. Com esta última expressão eu estou me referindo à curiosidade, à condição de detetive ou mesmo à atração que Dora exerce sobre todos que a desafiam naquilo que ela tem de mais agudo: a sua (in)sinceridade sexual. Aliás, é da experiência de todo analista a perplexidade e frustração causada pelas (in)sinceras respostas dadas pelo caráter histérico às interpretações, sobretudo precipitadas, sobre dependência e transferência erótica.

Forma-se um dilema técnico na mente do analista: por um lado, ele recebe sonhos, deslocamentos para pessoas adjacentes, associações em que, inequivocamente, há claros indícios de uma transferência já formada. O analista os interpreta, e o que ocorre? Nada! A paciente simplesmente os ignora e prova isso por meio de cruel indiferença afetiva! Fria e impassível, a paciente descarta interpretação e analista de uma só vez. O que ocorreu? O que fazer?

Bem, o que aconteceu é que, no caso do sonho, ele é um dos desvios por onde se pode fugir à repressão e um dos principais meios empregados pelo método indireto de representação na mente. Cabe, portanto, redimensionar a técnica no sentido de privilegiar a resistência à conscientização da transferência em detrimento do seu conteúdo. Hoje é bem fácil afirmar isso.

Retomando Dora, um possível trauma psíquico infantil pode ser cogitado antes dos seus sete anos de idade, pois foi nessa época que começou prolongada enurese noturna. Sem solução – por falta de efetiva repressão ou abolição do fator excitatório externo – tal trauma teria gerado outro sintoma (dispneia) quando Dora tinha oito anos, assim como outros surgiram na sequência de sua vida clínica. Dois fatos chamam atenção aqui.

Primeiro, Freud não fazer qualquer conexão entre sintomas, doença do pai e a grande aproximação deles em decorrência da enfermidade. Note-se que esta ocorreu aos seis anos de Dora, sua dedicação a ele tem início aí e seus sintomas vêm logo a seguir. Em segundo lugar há um período de quatro anos sem novos sintomas. Mas, aos doze, ela começa com enxaqueca e tosse nervosa.

Novamente, é chamativo Freud não ter *lembrado* de que houve fatos similares: o descolamento de retina de seu pai (e tratamento em quarto escuro), aos dez anos e, aos doze, seu pai apresenta crise confusional, paralisias e

perturbações mentais. Tais fatos podem ser encarados como possíveis situações de reaproximação entre pai e filha, seguidos de novos sintomas. É claro que Freud conhecia tais implicações. No próprio texto, ele é taxativo a respeito:

Desde então tenho visto uma grande quantidade de casos de histeria... Em nenhum deles deixei de descobrir os determinantes psicológicos que foram postulados nos *Estudos*, ou seja, um trauma psíquico, um conflito de afetos e – fator adicional que apresentei em publicações posteriores – um distúrbio na esfera da sexualidade (1905 [1901], p. 22).

Freud liga tais fatos, mas o faz tão somente aludindo ao complexo edípico de Dora, na esfera psíquica do desejo deslocada para Herr K, etc. Assim sendo, ressurgem minha pergunta: *Por que Freud não ligou tais elementos – de sua equação etiológica – aos diretos personagens em questão?*

Acredito que o idílio e traumas (sexuais) de Dora foram totalmente atribuídos a Herr K como forma de viabilizar a publicação do caso clínico. Dá essa impressão, porque é exatamente Herr K, na sequência da história, quem aparece, romanticamente, caminhando com ela, junto ao lago onde foi abordada. Não parece uma cena comum – ainda mais naquela época – a de uma moça de apenas dezesseis anos, andando com seu vizinho adulto, só os dois, com tamanha intimidade. Além disso, dois anos antes, já ocorrera um beijo na boca da paciente dado pelo mesmo personagem do lago (p. 26). E eu perguntaria: *Apesar deste precedente sexual, Dora se exporia a uma nova e possível abordagem?* E outra questão: *Caso a indignação de Dora fosse apenas com o senhor K – do qual se afastara aos dezesseis anos – por que – aos dezoito – pensaria em se matar? Quais seriam mesmo os objetos de sua ira?*

O primeiro sonho

“Uma casa estava em chamas. Meu pai encontrava-se de pé ao lado de minha cama e me despertou. Vesti-me rapidamente... Mamãe queria salvar sua caixa de joias... descemos apressadamente as escadas...” (Freud, 1905 [1901], p. 61).

Era um sonho de repetição e estão em cena Dora e seu pai. O sonho mostra a fuga de Dora de ser consumida pela avalanche sexual e salvar seus genitais. Ela já o tivera por três vezes em L (cena do lago) e, agora, em Viena, o sonho havia retornado. Qualquer que seja o ângulo focado ou os personagens eleitos, o

sonho é inequívoco quanto a sua natureza sexual, edípica e traumática. Este último aspecto corresponde à amplitude que o conceito adquirira na obra de Freud: abuso real ou desejo sexual conflitoso vivido pelo sujeito da ação psíquica como trauma.

Embora Freud interprete que o pai de Dora represente o senhor K, é interessante notar outras interpretações suas do mesmo sonho, as quais também poderiam ser interpretadas em relação ao seu pai, como agente da ação psíquica:

“E se alguma coisa acontecer *será culpa de papai*” (grifos meus).

“Por esse motivo – no sonho – você escolheu *uma situação que expressa o oposto* – um perigo do qual seu pai a está salvando” (p. 66, grifos meus).

Freud analisa o sonho com interesse e minúcia incrível próprio de quem recém escrevera *A interpretação dos sonhos* (1900) e já começara a escrever os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Disseca-o, insiste com Dora sobre detalhes, pressiona por conclusões, como se estivesse querendo provar suas teorias. Prova-as? Sim, mas se percebe sua inquietude e pressão em empregar tanto teoria quanto técnicas recentemente conquistadas.

O segundo sonho

Eu caminhava a esmo por uma cidade desconhecida... Cheguei a uma casa onde eu morava, fui para meu quarto e encontrei uma carta de mamãe... Esta dizia... que papai estava doente, agora está morto e você pode voltar... Dirigi-me então para a estação... Vi uma floresta espessa e nela penetrei, encontrando um homem... Ele se ofereceu para me acompanhar, mas recusei... Vi a estação a minha frente, mas não conseguia alcançá-la... Tive a ansiedade que se experimenta nos sonhos quando não se consegue mover... A seguir, estava em casa. Devo ter viajado nesse meio tempo... A criada respondeu que mamãe e os outros já estavam no cemitério (Freud, 1905 [1901], p. 91).

Trata-se de um sonho longo e com muitos detalhes, os quais são, admiravelmente, isolados, associados e elucidados. Forma uma verdadeira aula de como se deve analisar um sonho. Reflete:

- 1) uma fantasia de vingança contra seu pai;
- 2) uma fantasia de defloração;
- 3) uma fantasia de parto;
- 4) amor pela senhora K.

Os três primeiros itens não se constituíram em problemas junto aos

psicanalistas. O quarto, é claro, tem tudo a ver com a controvérsia engendrada por Lacan, o que discutirei adiante. Mas vale a pena – um pouco mais – deter-me no primeiro item. Não parece haver dúvida quanto ao caráter vingativo de Dora contra seu pai, afinal, no sonho, ele é simplesmente morto por ela. Também parece natural Freud conectar tecnicamente a carta de Dora, ameaçando suicídio, com a carta do segundo sonho. O que, de novo, causa-me estranheza é o fato de Freud não haver feito qualquer conjectura – a não ser pelo ingrediente da frustração edípica – sobre algum motivo mais intenso para a magnitude (assassinato!) agressiva de Dora.

Na hipótese de Freud, no que se refere à primeira carta, Dora pretenderia dar um susto no seu pai devido aos seus ciúmes em relação à senhora K. Porém, na do segundo sonho, Freud não estabelece qualquer ligação entre a dramática vingança e algo talvez sofrido passivamente por Dora: qualquer coisa na direção do que Freud lhe dissera sobre a agressão sexual sofrida na cena do lago: “Até hoje você suporta as consequências” (*Ibid.*, p. 101).

O fato mais forte contra possível interesse sexual por parte do pai, além de Herr K, seria o fato de o primeiro ser impotente. No entanto, chama a atenção que Freud fixa como razão da vingança de Dora contra Herr K (bofetada) a infeliz alegação dele para o beijo: “Eu nada recebo da minha mulher” (*Ibid.*, p. 103).

Ocorre que esta frase é idêntica à usada por seu pai para justificar a Dora sua atitude sexual para com a senhora K (p. 103). Além disso, se o pai de Dora teve sífilis, tal dado não leva a pensar num perfil de homem impotente. E Freud o declarou curado da enfermidade (p. 17).

A (re)descoberta da transferência

No pós-escrito, Freud justifica as omissões do trabalho e, pela primeira vez, caracteriza a transferência como um fator terapêutico importante no processo analítico.

É interessante notar que Freud dá a entender no texto, por assim dizer, não ter ignorado a existência da transferência de Dora, mas, sim, ter se descuidado, imaginando que ainda teria bastante tempo para lidar com ela.

Considerando-se o conhecimento (em sentido ligeiramente diferente) e a amplitude com que se ocupara da transferência em *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, 1950 [1895]), *Interpretação de sonhos* (Freud, 1900), *A psicoterapia da histeria* (Freud, 1895) e *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905), pode-se concordar com ele no sentido pretendido de não ignorá-la

como um simples deslocamento (Mabilde, 2013, p. 73). No entanto, tanto ele a ignorou que foi totalmente surpreendido pela atuação de Dora.

Somente quando se dispôs a escrever o caso e consultar suas anotações foi que se deu conta do fenômeno (Quinodoz, 2007, p. 83). Daí em diante, sua proverbial capacidade de admitir imprecisões ou equívocos e transformá-los em avanços teóricos brilhou novamente: o obstáculo virou instrumento! Mas, como indagação, me ocorre: *O que fez Freud ignorá-la?* Eu diria que a causa foi algo muito semelhante ao que determinou Dora a abandonar o tratamento.

Molestada frequente e precocemente, qualquer criança curva-se perante a imposição externa criando falsa estrutura. Feito isso, sua sorte e a de seus objetos estão seladas. Dora jurou vingança contra objetos sedutores, cooptativos e intrusivos. Como tal tornou-se cega e completamente (in)sincera, escondendo suas dores, sexualidade e objetivos vingativos.

Minha hipótese é que Freud – em seu compromisso irrevogável consigo mesmo em provar suas teorias – tornou-se cego para a prática clínica que o ensinara. Ele queria basicamente, confirmar suas teorias sobre a origem sexual dos sintomas histéricos e o papel dos sonhos como reveladores dos conflitos inconscientes. Assim sendo, pareceu seduzido e sedutor para com Dora em virtude dessa perspectiva em mente. A seguir cooptou-a a contar sua história de um modo persuasivo e tópico. Lugar por lugar, anatomia por anatomia, sintoma por sintoma.

Imagino o que sentiu Freud ao ouvir o primeiro sonho de sua paciente. Teria sido alguma coisa do tipo: – *Aí está tudo o que eu já descobrira, a ser ratificado pelo meu método de análise de sonhos, e agora vou agir!?* Analisou símbolo por símbolo, ato por ato. De insistente, passou a intrusivo, buscando *reconstruir* o passado traumático esquecido de Dora. É nesse sentido (arrependimento) que entendo sua comovente honestidade ao revelar (e nos ensinar) seus erros técnicos. Mas quando os percebeu, era tarde demais, Dora já partira triunfante.

A propósito, Fonagy (1999) produziu interessante trabalho sobre esse particular problema, qual seja o de perseguir tecnicamente a *reconstrução* como a única forma de obter mudança psíquica. Este autor desafia o papel da repressão, da recuperação da memória reprimida e o valor da reconstrução como técnica realmente eficaz. Considera a metáfora arqueológica de trazer a ideia reprimida à tona como uma técnica enganosa ou mesmo inadequada. Vai mais longe ao afirmar que quem enfocar a recuperação da memória como técnica persegue um falso deus.

Para ele, as memórias autobiográficas não eclodem como memórias declarativas à luz da reconstrução, tal como se fossem réplicas da experiência

real. Elas – por estarem defensivamente distorcidas em função de desejos, fantasias e circunstâncias do sujeito e objetos – pertencem à esfera da memória procedural, não declarativa, não expressa por palavras e existem até sem associações ou representações. Em nenhum sentido memórias trazidas pela reconstrução podem ser pensadas como provas de apoio à verdade histórica.

Por este motivo, Fonagy (1999) argumenta em favor da técnica da transferência em detrimento da reconstrução. Não por desprezar estas últimas, ou por entender que mudança psíquica corresponderia à mudança das relações objetais, mas sim porque acredita *ser a transferência o meio eficaz de a análise acessar as memórias procedurais* (grifos meus).

Em minha opinião, isso foi o que não aconteceu com Freud ao tratar Dora. Sua obsessiva busca por reconstruções levou-o a um afastamento completo dos elementos relacionais nas sessões, que poderiam ter ajudado a esclarecer sintomas e cenas traumáticas de um modo menos descritivo e mais favorável à continuidade da análise. Sobre o que foi escrito por Freud *a posteriori*, cabem ainda dois últimos registros. Como se sabe, muitos anos depois de escrever o caso, Freud descobriu e comunicou o que constituiria seu segundo erro técnico: haver ignorado o amor reprimido e homossexual de Dora por Frau K. Tal equívoco teria ocorrido devido à restrita direção de uma *transferência vertical masculina* que fizera dos estados amorosos de Dora: seu pai, Herr K e o próprio Freud. E ainda que este último não se nomeasse na transferência (primeiro erro), fizera-o implicitamente na condução da análise, criando assim o alegado *ponto cego* em relação a Frau K.

Embora eu esteja de acordo que o amor homossexual poderia estar encoberto, dificultando o amor heterossexual de Dora (e dos histéricos em geral) – e isto constituiu nova magistral descoberta de Freud – considero discutível seu valor clínico em Dora. Vinte anos depois, afirmar que este seria (e não outro) o dolo imposto a Dora e a razão de sua desgraça dá a impressão de uma interposição teórica – à luz de novos conhecimentos adquiridos, por exemplo, com *A psicogênese de um caso de homossexualidade feminina* (Freud, 1920) – do que propriamente a identificação do conflito nuclear da paciente. Neste caso de 1920, o que encontramos é justamente uma jovem fixada na mãe, que, uma vez decepcionada com o pai ao constatar a gravidez de sua mãe, busca companhias sexuais femininas como forma de se vingar do pai e retomar a mãe para si (Freud, 1920, p. 195-198).

Convém lembrar, a propósito, que, em 1903, Dora casou e teve um filho. Em 1923 ela teve crises de angústia e sentimentos *de perseguição em relação aos homens* (grifos meus). Depois disso viveu em Viena até 1930 e tornou-se grande amiga de Peppina Zezenka, nada mais, nada menos do que Frau K! Finalmente,

emigrou para os Estados Unidos, vindo a falecer em Nova York em 1945 (Quinodoz, 2007, p. 82).

Acredito que seus amores por sua protetora era um dos conflitos dela (como está claro pelos seus ciúmes), mas, talvez, não a causa central, a menos que Dora também tivesse sido molestada por mulheres (mãe, senhora K, governanta) e não apenas por disputá-las com seus rivais.

Lacan, a inversão dialética e o caso Dora

É realmente interessante como Lacan (1951), ao raciocinar com base numa relação quaternária, examina o caso Dora. Segundo este autor, Dora chegou a Freud para denunciar o abuso sofrido, mas negado por todos. Ele ouviu a história dos dois casais, a inversão amorosa de um conjuge com outro e a indignação de Dora para com a desordem criada. Freud acreditou nela e assim fundou a transferência positiva de Dora porque se estabeleceu a dialética da verdade, aquela que se atém à palavra do analisado (Lacan, 1955, p. 108).

No entanto, o problema desta análise foi com a transferência negativa. Lacan (1951, p. 41) declara: “Freud – provavelmente por estar identificado com Herr K e talvez um pouco enamorado por Dora – insistiu que ela estava apaixonada por Herr K” (conforme meu comentário anterior sobre *transferência vertical masculina*). E diz, em outro artigo (Lacan, 1953, p. 41), que Freud tentou modelar o ego de Dora, achando que ela deveria se apaixonar por um homem, o que criou uma resistência negativa transferencial como resposta raivosa às dificuldades impostas ao tratamento feitas pelo próprio Freud.

Lacan (1951, p. 96) transforma a autocrítica de Freud em uma crítica mais abrangente. Ele não taxa como simples erro de Freud não haver percebido e interpretado a transferência de Herr K para si. Por conduzir a análise pela *técnica das transferências*, no deslocamento do pai de Dora para Herr K (o grifo é meu), é que Freud foi incapaz de fazer a devida inversão dialética, a qual confrontaria a tese de Dora (Herr K) com sua antítese (senhora K).

Nesse sentido, para Lacan (1951, p. 216), “a Psicanálise é uma experiência dialética” e a transferência somente surge por interrupção desta última, na medida em que o analista deixa de oferecer a antítese adequada ao relato da paciente (tese). “A transferência, deste modo, constitui-se em uma resistência, uma resistência do analista, ao não conseguir propor a retificação do sujeito com o real, a fim de reconstruir sua vida como historicidade” (*Ibid.*, p. 216).

Para Lacan (*Ibid.*, p. 218-221), Freud acertou ao fazer a primeira inversão dialética: *E qual a sua própria parte na desordem da qual você se queixa?* Igualmente, ele esteve correto na segunda inversão: *Qual o verdadeiro motivo de seus ciúmes em relação ao seu pai?*. No entanto, fracassou na terceira ao não fazer a pergunta que inverteria a tese de Dora (do caso do pai com a senhora K para sua paixão por ela): *O que é para você a senhora K?* (p. 93).

Em minha opinião, é bastante discutível esta posição de Lacan em relação à transferência. Eu começaria perguntando: *O que é inversão dialética?* Seguindo Hegel, Lacan (1963) responderia: – *A dialética é uma etapa necessária para se fazer brecha nesse mundo dito de positividade*. Para ele, portanto, Freud foi positivista, empirista, sua meta era a objetivação de certas propriedades de Dora (*Você está apaixonada por Herr K!*), esquecendo-se de propor um curso dialético à direção da análise. Prova disso foi recorrer à (falta da interpretação da) transferência para justificar o abandono do tratamento.

Como se observa, para Lacan (1951)

a transferência – enquanto entidade – é inteiramente relativa à contratransferência, esta última compreendida como a soma dos preconceitos, das paixões, dos embaraços e até mesmo da informação insuficiente do analista, num dado momento, do processo dialético (p. 224).

Daí a falha.

O que me parece crucial entender, entretanto, na proposição freudiana da interpretação da transferência é, exatamente, vê-la como um recurso técnico dentro do processo dialético. Isto é, já que o que impediria o analista de construir a inversão é a contratransferência patológica ou a não remoção da resistência à transferência, Freud, ao transmutar a transferência de obstáculo em instrumento, encontrou uma forma (dialética) de vivenciar a tese, assim como, a partir dela, ter melhores condições de fazer a inversão.

Exemplificando com o próprio caso Dora, em primeiro lugar, a interpretação transferencial atualizaria ostensivamente a tese: *Você está me vendo como o Herr K*. E descentralizaria a contratransferência e a resistência transferencial: *E, por isso, resolveu fugir daqui*. Em segundo lugar, ela (a interpretação transferencial) faria a antítese ou inversão: *Já que não sou eu quem você quer*. E, por último, levaria à síntese: *Porque você ama Frau K, que não molestou você*.

Considerações finais

Freud (1900) inicia uma revolução do tipo copernicana pelo conceito de inconsciente dinâmico, o qual implica na decisiva descentralização do homem em função de outra coisa em nós, da radical alteridade aí estabelecida. No entanto, a originalidade de Freud não está tanto na transformação operada por ele em relação à noção já existente de inconsciente, mas muito mais na relação estabelecida entre o inconsciente e a outra pessoa (alteridade). Claro que aqui estou falando da teoria da sedução, da qual a alteridade do inconsciente é tributária. E foi por meio dela que Freud compreendeu e conseguiu tratar os seus primeiros casos de histeria, mas a abandonou por ter ficado preso no nível factual, não percebendo que sua descoberta não era o inconsciente em si, mas sua dimensão de alteridade.

Do lado de Lacan (1951, p. 88), o desdobramento dessa revolução passa justamente pelo papel atribuído ao outro (alteridade) na constituição do sujeito: “A experiência psicanalítica se desenrola inteiramente nessa relação sujeito a sujeito”. Porém, seu projeto também acaba se desviando da rota, na medida em que este *outro concreto* (sujeito como alteridade) se dissolve, progressivamente, pelo *grande outro*, nos meandros da linguagem e do simbólico (grifos meus). Deixou, assim, de constituir alteridade, retornando – tal como fez Freud – ao objeto (interno) como uma representação do desejo do sujeito e não mais como sujeição do sujeito a outro sujeito!

É Laplanche (1992) que retoma o caminho originário de Freud, pois, para ele, a *outra coisa* – que é o inconsciente – só se mantém em sua alteridade radical pela *outra pessoa*, ou seja, pela sedução (grifos meus). E esta não depende, exclusivamente, da ação sexual perversa e ativa de um adulto contra uma criança indefesa, nem do nível fantasioso do desejo sexual da mesma. É interessante notar que o próprio Freud (1931, p. 273; 1933 p. 149) havia dado um grande passo – muitos anos antes de Laplanche – no sentido de identificar outro nível de sedução, exatamente, nos cuidados maternos dispensados à criança.

Nesse contexto, Freud fala de uma realidade efetiva de prazer sexual, mas não mais em termos da realidade factual do abuso, mas sim da efetividade do prazer do corpo ou das zonas erógenas, pois as meninas recebem suas primeiras e mais fortes sensações genitais quando estão sendo limpas pela mãe. Aqui, portanto, a fantasia toca o chão da realidade, pois foi realmente a mãe quem despertou sensações prazerosas genitais. Mas, já decepcionado com sua hipótese inicial, Freud não conseguiu valorizar esse segundo nível de sedução, que Laplanche chama de precoce ou infantil.

Dora, conforme antes salientei, parece-me um exemplo sincrético das duas teorias. Sua precoce sexualidade, por um lado, e sua hostilidade, por outro, para com os primitivos objetos e seus representantes, evidencia a conjunção de fatores inerentes às seduções supracitadas. Se a efetividade da primeira a despertou para a vida e a beleza (revivida com a senhora K), a da segunda a condenou a uma espécie de morte sexual, aos sintomas e à vingança contra os abusadores.

Freud acreditou que a perdeu pelo notável detalhe da transferência não interpretada. Porém, ao *forçá-la* de volta às origens de seus conflitos e com seus objetos, deu-lhe perspectivas de reavaliá-los, casar e ter um filho. Por vinte anos, até suas crises de angústia, teve uma qualidade de vida aparentemente melhor.

Quanto às questões de sigilo, talvez um dia sejam mais bem esclarecidas ou simplesmente desfeitas. Isso poderá acontecer ao se abrirem – em datas pré-indicadas – as (misteriosas) caixas lacradas de Freud, cujos conteúdos contêm material de seus pacientes. Qualquer que seja esse resultado ou sobre qual seria o curso do tratamento de Dora, caso Freud interpretasse a transferência, a psicanálise segue sendo uma contínua investigação da funcionalidade íntima do ser humano. Nesse sentido ela é uma só. □

Abstract

The (in)sincerity in Dora

After over one hundred years of its publication, Dora's case study lives up to its reputation due to its singularities and idiosyncrasies. The author discusses what seems fundamental to its unique continuity: the mysterious and intricate mix of adverse factors to the treatment, which determined its early termination. Some points of the well-known case are highlighted, including the dreams, as ways for the author to speculate on the implicit reasons on confidentiality issues, to ponder over Freud's technical problems, and to conjecture about the origin of the sexual hostility and symptoms in Dora. Authors such as Fonagy and Laplanche are used to support the thesis of this article, which ends questioning Lacan's position about the mistake admitted by Freud, which led him to the discovery of transference.

Keywords: Freud, psychoanalytic treatment, Dora's case study, hysteria, psychic conflict, sexuality, trauma, identification, transference, confidentiality.

Resumen

La (in)sinceridad en Dora

Después de más de cien años de su publicación, el caso Dora hace honor a su reputación debido a peculiaridades e idiosincrasias. El autor habla de lo que parece fundamental para su singular continuidad: la mezcla misteriosa y compleja de factores adversos al tratamiento, lo que determinó su terminación anticipada. Algunos puntos se destacan del conocido caso, incluso los sueños, como una manera para que el autor especule sobre las razones implícitas en cuestiones de confidencialidad, pondere los problemas técnicos de Freud, y que conjeture sobre el origen de la hostilidad sexual y de los síntomas de Dora. Autores como Fonagy y Laplanche se utilizan como apoyo a las tesis del artículo, que termina cuestionando la posición de Lacan sobre el error admitido por Freud que llevó al descubrimiento de la transferencia.

Palabras clave: Freud, tratamiento psicoanalítico, caso Dora, la histeria, el conflicto psíquico, la sexualidad, el trauma, la identificación, la transferencia, la confidencialidad.

Referências

- Fonagy, P. (1999). Memory and therapeutic action. *Int. Psychoanal.* 80: 215-223.
- Freud, S (1950 [1895]). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 395-517), Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- Freud, S. (1895). A psicoterapia da histeria. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 2, pp. 309-365), Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S. (1900). A interpretação dos sonhos. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 5, pp. 361-661), Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S. (1905 [1901]). Fragmentos da análise de um caso de histeria. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 01-119), Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S. (1905). Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 123-250), Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S. (1920). A psicogênese de um caso de homossexualidade feminina. In *Edição standard*

- brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 183-212), Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S. (1931). Sexualidade feminina. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (Vol. 21, pp. 257-279), Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Freud, S. (1933). A feminilidade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22, pp. 139-167), Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- Jones, E. (1953). *A vida e a obra de Sigmund Freud. Casos clínicos* (Vol. 2, pp. 260-285), Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- Lacan, J. (1951). Intervenção sobre a transferência. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- Lacan, J. (1953). *O seminário, Livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- Lacan, J. (1955). *O seminário, Livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- Lacan, J. (1957). *O seminário, Livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- Lacan, J. (1963). *Les noms du père*. Séminaire du 20/11/1963.
- Laplanche, J. (1987). *Teoria da sedução generalizada*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- Laplanche, J. (1992). A revolução copernicana inacabada. *Projecto Rev. Psicanálise*, Ano 3, nº 4, 1993.
- Mabilde, L. C. (2013). Conceitos psicanalíticos freudianos fundamentais. In C. L. Eizirik, R. Aguiar, S. Schestatsky, *Psicoterapia analítica* (p. 62-76), Porto Alegre: Artmed, 2015.
- Quinodoz, J-M. (2007). *Ler Freud: guia de leitura da obra de S. Freud*. Porto Alegre: Artmed, (p. 81-89), 2014.

Recebido em 06/06/2015

Aceito em 27/07/2015

Revisão técnica de **Rosane Schermann Poziomczyk**

Luiz Carlos Mabilde

Rua Tobias da Silva, 99/303

90570-020 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: mabilde@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA